

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE SÍFILIS CONGÊNITA ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2024 NO ESTADO DO PIAUÍ

*EPIDEMIOLOGICAL ANALYSIS OF CONGENITAL SYPHILIS CASES
BETWEEN 2014 AND 2024 IN THE STATE OF PIAUÍ*

*ANÁLISIS EPIDEMIOLÓGICO DE CASOS DE SÍFILIS CONGÉNITA
ENTRE LOS AÑOS 2014 AL 2024 EN EL ESTADO DE PIAUÍ*

LETÍCIA MARIA DA SILVA MARQUES

Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Teresina-PI.

leticiammarquesbolcombr@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-6829-6346>

JULIANE BARROSO DA SILVA

Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Teresina-PI.

julianebarroso59@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-4905-8422>

JOSÉ FRANCISCO RIBEIRO

Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Teresina – PI

josefrancisco@ccs.uespi.br
<http://orcid.org/0000-0003-3133-0101>

Recebido em: 31/12/2024 Aceito em: 31/12/2024 Publicado em: 09/02/2025
(Preenchido pela Comissão Editorial)

Resumo

Analisar o panorama epidemiológico da sífilis congênita no Piauí durante o período de 2014 a 2024. Trata-se de um estudo epidemiológico com a pesquisa realizada durante o mês de dezembro de 2024. A busca de dados teve como alvo os casos de sífilis congênita notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no estado do Piauí durante o período de 2014 a junho de 2024. Para a organização, processamento dos dados e construção dos gráficos, utilizou-se a plataforma *Google Sheets* 2024. Os resultados evidenciaram: ano de 2018 com maior número de casos, cerca de 504 (13,92%), com o município de maior notificação sendo Teresina com 2347 (65,12%). Dos aspectos maternos, a faixa etária de 20 a 24 anos com cerca de 1074 (29,67%) e a raça parda com 2485 (68,65%) possuíram predominância. O resultado foi comprovado durante a realização do pré-natal, sendo 1713 (47,32%) dos casos. No que tange a realização do pré-natal mais de 80% (3065) das mulheres realizaram. Das características dos recém-nascido o maior número de confirmação de casos se deu em neonatos com até 6 dias de vida, sendo 3479 (96,10%) e de sexo feminino com 48,56% (1758) dos casos. A abordagem epidemiológica dos casos de sífilis congênita no Piauí revelou uma variação na incidência durante a década, assim, o panorama construído no estado demonstra a necessidade de realizar estudos mais aprofundados, considerando todos os aspectos relacionados a tal enfermidade.

Palavras-chave: Sífilis Congênita; Epidemiologia; Recém-Nascido.

Abstract

To analyze the epidemiological panorama of congenital syphilis in Piauí during the period from 2014 to 2024. This is an epidemiological study with research carried out during the month of December 2024. The data search targeted cases of congenital syphilis reported in the Notifiable Diseases Information System (SINAN) in the state of Piauí during the period from 2014 to June 2024. For the organization, data processing and construction of graphs, the *Google Sheets* 2024 platform was used. The results showed: 2018 with the highest number of cases, around 504 (13.92%), with the municipality with the highest notification being Teresina with 2347 (65.12%). Regarding maternal aspects, the age group of 20 to 24 years with approximately 1074 (29.67%) and the brown race with 2485 (68.65%) had predominance. The result was confirmed during prenatal care, accounting for 1713 (47.32%) of the cases. Regarding prenatal care, more than 80% (3065) of the women attended. Regarding the characteristics of the newborn, the highest number of confirmed cases occurred in neonates up to 6 days of life, accounting for 3479 (96.10%) and females with 48.56% (1758) of the cases. The epidemiological approach of congenital syphilis cases in Piauí revealed a variation in incidence during the decade, thus, the panorama constructed in the state demonstrates the need for more in-depth studies, considering all aspects related to this disease.

Keywords: Congenital Syphilis; Epidemiology; Newborn.

Resumen

Analizar el panorama epidemiológico de la sífilis congénita en Piauí durante el período de 2014 a 2024. Se trata de un estudio epidemiológico con investigaciones realizadas durante el mes de diciembre de 2024. La búsqueda de datos tuvo como objetivo los casos de sífilis congénita notificados en el Sistema de Información de Enfermedades de Declaración Obligatoria (SINAN) en el estado de Piauí durante el período de 2014 a junio de 2024. Para la organización, procesamiento de datos y construcción de gráficos se utilizó la plataforma *Google Sheets* 2024. Los resultados arrojaron: 2018 con mayor número de casos, alrededor de 504 (13,92%), siendo el municipio con mayor notificación. Teresina con 2.347 (65,12%). En cuanto a los aspectos maternos, predominó el grupo etario de 20 a 24 años con alrededor de 1074 (29,67%) y la raza parda con 2485 (68,65%). El resultado fue confirmado durante el control prenatal, en 1.713 (47,32%) de los casos. En cuanto a la atención prenatal, más del 80% (3065) de las mujeres la completaron. De las características de los recién nacidos, el mayor número de casos confirmados se presentó en recién nacidos de hasta 6 días de edad, 3479 (96,10%) y del sexo femenino con el

48,56% (1758) de los casos. El abordaje epidemiológico de los casos de sífilis congénita en Piauí reveló variación en la incidencia durante la década, así, el panorama construido en el estado demuestra la necesidad de realizar estudios más profundos, considerando todos los aspectos relacionados a esta enfermedad.

Palabras clave: Sífilis Congénita; Epidemiología; Recién Nacido.

1 Introdução

A Sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST), ocasionada pela bactéria *Treponema pallidum*. Suas principais formas de transmissão incluem o contato sexual com lesões infecciosas das membranas mucosas ou pele lesada, via transfusão sanguínea ou via transmissão vertical, através da infecção materna na gestação, por meio transplacentário ou pelo contato com a lesão infectada durante o parto, o que resulta no desenvolvimento da Sífilis Congênita (SC) (Sales *et al.*, 2022; Monteiro *et al.*, 2024).

Em relação a sífilis congênita, sua transmissão é resultado do não tratamento ou tratamento inadequado da infecção materna, principalmente quando relacionados a um pré-natal inadequado, com dificuldade na adesão da gestante e de seu parceiro sexual ao tratamento, uma vez que a não participação do parceiro contribui para uma reinfecção da sífilis e para o aumento do risco de transmissão vertical e das complicações maternas e fetais oriundas dessa infecção. Sendo assim, a SC é considerada um problema de saúde pública no país, uma vez que apesar do diagnóstico rápido e tratamento eficaz ofertado de forma gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ainda há um aumento na incidência de casos (Silva *et al.*, 2022).

As complicações oriundas da sífilis congênita podem ser caracterizadas em precoces quando óbito fetal, parto prematuro e infecção do Sistema Nervoso Central (SNC), manifestadas pelo aparecimento de alterações como meningite, uveíte, atrofia óptica, convulsões, perda auditiva, entre outros; e tardias quando os sinais e sintomas são apresentados após dois de anos de idade, principalmente resultantes do não diagnóstico e tratamento oportuno de recém-nascido infectados assintomáticos, o que pode resultar em alterações do SNC, ossos, articulações e dentes, como a ceratite intersticial, os dentes de Hutchinson e a perda auditiva neurosensorial (Monteiro *et al.*, 2024; Malveira *et al.*, 2021).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2016 havia mais de meio milhão (aproximadamente 661 mil) de casos de sífilis congênita no mundo, resultando em mais de 200 mil natimortos e mortes neonatais. Em relação à porcentagem nas

Américas, de acordo com a OMS, foram alcançados uma estimativa de 4,98 casos por 1000 nascidos vivos em 2022, superando a meta estabelecida de 0,5 casos por 1000 nascidos vivos (OMS, 2019; Ministério da Saúde, 2023).

Nessa perspectiva, a sífilis congênita possui uma alta importância no contexto epidemiológico, sendo no Brasil considerada de notificação compulsória desde dezembro de 1986, pela Portaria nº 542. O Boletim epidemiológico de Sífilis (2023) traz que, no período de 2012 a 2022, foram notificados 238.387 casos de sífilis congênita e 2.153 óbitos por sífilis congênita. Em relação aos dados epidemiológicos de 2022 no estado do Piauí, o coeficiente de mortalidade por sífilis congênita (em menores de 1 ano) foi de 26,1 óbitos a cada 100.000 nascidos vivos, caracterizando um coeficiente acima do coeficiente de mortalidade nacional (Ministério da Saúde, 2023).

Diante do exposto, a SC é uma doença de grande impacto para saúde pública no Brasil, uma vez que a saúde materno-infantil demanda uma atenção especializada e propícia no desenvolvimento de competências relacionadas à vigilância, monitoramento, diagnóstico e tratamento oportuno do binômio, de forma a evitar os agravos oriundos da condição apresentada.

Portanto, o presente estudo visa analisar o panorama epidemiológico da sífilis congênita no Piauí durante o período de 2014 a 2024.

2 Metodologia

Trata-se de um estudo epidemiológico do tipo ecológico, descritivo com abordagem quantitativa, uma vez que os estudos ecológicos são capazes de possibilitar associações entre uma condição e a coletividade de forma a perceber as correlações entre um fenômeno e a população atingida (Lima-Costa; Barreto, 2003).

A pesquisa foi realizada durante o mês de dezembro de 2024, levando em consideração o estado do Piauí que possui, no momento da realização do estudo, área territorial de 251.755,841 km², população residente de 3.271.199 habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,69 (IBGE, 2024).

A busca de dados teve como alvo os casos de sífilis congênita notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no estado do Piauí durante o período de 2014 a junho de 2024. Sendo esses dados obtidos no sítio eletrônico do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As variáveis avaliadas foram casos confirmados de sífilis congênita por ano, município de notificação,

faixa etária materna, raça materna, momento de confirmação dos casos de sífilis materna, realização do pré-natal, faixa etária e sexo dos casos confirmados de sífilis congênita e evolução dos casos confirmados de sífilis congênita. Para a organização, processamento dos dados e construção dos gráficos, utilizou-se a plataforma *Google Sheets* 2024.

O estudo não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), visto que foram utilizados dados de domínio público para sua realização, no qual a identidade do participante se mantém preservada, portanto, não sendo necessário a aprovação pelo CEP conforme preconizado pelo Conselho Nacional de Saúde em sua Resolução nº 510 de abril de 2016.

3 Discussão dos Resultados

Os resultados deste estudo são fruto da coleta, análise e interpretação de dados secundários obtidos a partir do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

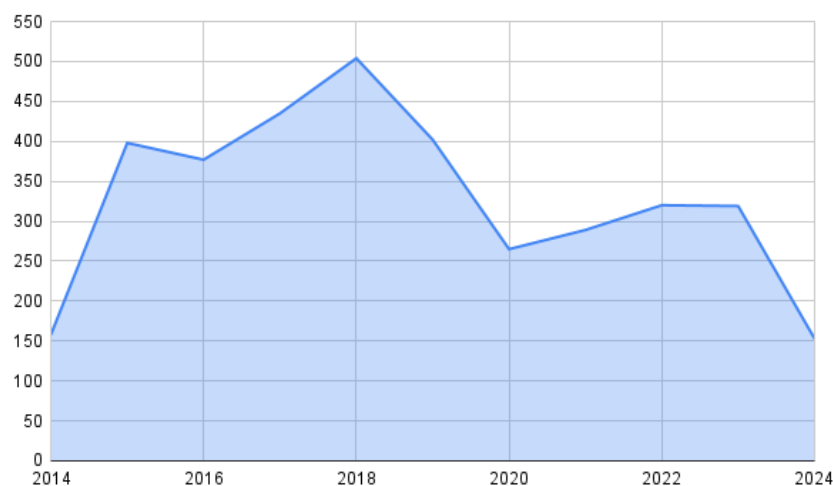
Na última década (2014-2024) foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) cerca de 3620 casos confirmados de Sífilis Congênita (SC) em todo o estado do Piauí. O ano com a maior prevalência de casos foi em 2018 com cerca de 504 (13,92%) dos casos e o de menor foi 2024, considerando os meses de janeiro a junho, com 153 (4,23%). Ainda mais, a análise temporal apresenta um padrão progressivo de aumento entre os anos de 2014 a 2018, com uma pequena redução no ano de 2019 e, novamente, um crescente aumento entre os anos 2020 a 2022. Por fim, foi possível perceber uma diminuição significativa no número de casos confirmados de 2023 para 2024.

A sífilis congênita ainda se configura como um problema de saúde pública no Brasil, com uma distribuição variável de casos pelas regiões do país. Nesse sentido, muitos fatores são responsáveis por influenciar o aumento do número de casos, tais como características socioeconômicas e demográficas desfavoráveis, desabastecimento de penicilina benzatina, as taxas de cobertura do pré-natal e a qualidade da assistência de saúde (Maciel *et al.*, 2023; Soares, Aquino, 2021).

Além disso, é necessário levar em consideração para o recorte temporal considerado, a pandemia do vírus Covid-19. Tal contexto pode ter influenciado no quantitativo de notificações realizadas durante o período. As condições encontradas, tais como a realização de lockdowns e redirecionamento dos esforços de saúde para a temática

são fatores fundamentais na compreensão do panorama construído. Assim, é possível perceber que, na última década, os anos de 2018 e 2019 apresentaram os maiores picos de caso, como apresentado em estudo semelhante de Sousa (2023), e que houve uma diminuição considerável no ano de 2020, com 137 casos a menos que no ano anterior (Portal da Saúde, 2024; Monteiro *et al.*, 2024).

Gráfico 1 – Quantidade de Casos Confirmados de Sífilis Congênita por Ano



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (2024)

Ao considerar os aspectos territoriais, tem-se que os casos de sífilis congênita notificados, distribuídos pelo território do estado, apresentaram maior ocorrência nos municípios de Teresina com 2347 (65,12%), seguido de Parnaíba com 589 (16,34%), Floriano com 223 (6,19%) e, por fim, Picos com cerca de 165 (4,58%). Nesse contexto, os outros municípios exibiram, separadamente, valores menores que 100, com maior predomínio de variação entre 1 e 3 casos.

Um estudo desenvolvido no estado apresentou resultados semelhantes, mesmo com um período de tempo analisado menor. Neste trabalho, considerando os anos de 2016 a 2021, os municípios com maior índice de notificação incluíram os mesmos, Teresina, Parnaíba, Floriano e Picos. Isso pode ser explicado pelo fato de serem municípios com maior população, se consolidarem como referência em assistência de saúde para os territórios menores e, em alguns casos, serem polos de atendimento de cidades do Maranhão e Ceará (Sousa, 2023; Leódido *et al.*, 2023).

Tabela 1 – Número de Casos por Município de Notificação de Sífilis Congênita

Município	Casos Confirmados	%
Agricolândia	1	0,03%
Água Branca	2	0,06%
Altos	1	0,03%
Amarante	2	0,06%
Aroazes	1	0,03%
Baixa Grande do Ribeiro	3	0,08%
Barras	6	0,17%
Batalha	1	0,03%
Bom Jesus	79	2,19%
Campo Largo do Piauí	1	0,03%
Campo Maior	26	0,72%
Canavieira	1	0,03%
Canto do Buriti	3	0,08%
Caracol	1	0,03%
Castelo do Piauí	1	0,03%
Cocal	1	0,03%
Cocal dos Alves	1	0,03%
Coivaras	3	0,08%
Corrente	2	0,06%
Dirceu Arcoverde	1	0,03%
Elesbão Veloso	4	0,11%
Esperantina	11	0,31%
Floriano	223	6,19%
Ilha Grande	1	0,03%
Inhuma	1	0,03%
Joaquim Pires	1	0,03%

Joca Marques	1	0,03%
José De Freitas	7	0,19%
Luís Correia	1	0,03%
Luzilândia	4	0,11%
Monsenhor Gil	1	0,03%
Monte Alegre Do Piauí	1	0,03%
Nossa Senhora Dos Remédios	1	0,03%
Oeiras	19	0,53%
Parnaíba	589	16,34%
Paulistana	1	0,03%
Pedro Ii	3	0,08%
Picos	165	4,58%
Piracuruca	3	0,08%
Piripiri	45	1,25%
Porto	1	0,03%
Regeneração	1	0,03%
Ribeiro Goncalves	1	0,03%
São João Da Fronteira	1	0,03%
São João Do Arraial	1	0,03%
São João Do Piauí	2	0,06%
São Miguel Do Tapuio	1	0,03%
São Pedro Do Piaui	1	0,03%
São Raimundo Nonato	22	0,61%
Simões	2	0,06%
Simplício Mendes	2	0,06%
Teresina	2347	65,12%
União	1	0,03%
Valença Do Piauí	2	0,06%

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (2024)

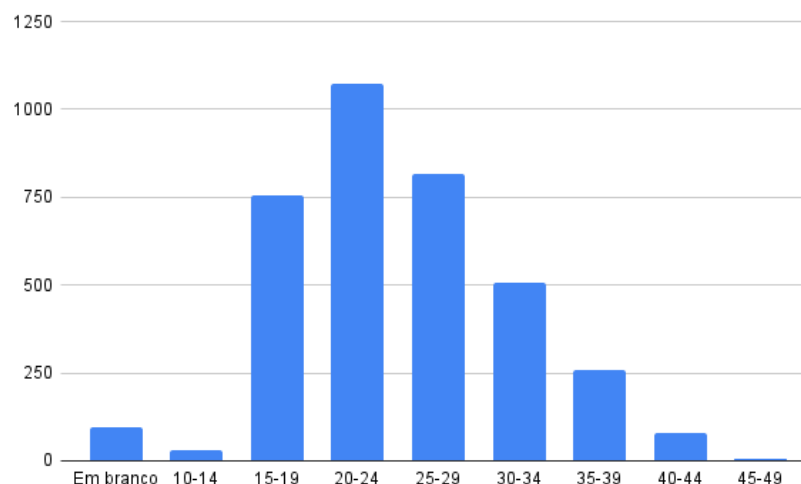
Durante o período analisado, alguns aspectos maternos relevantes foram considerados, tais como a faixa etária e a raça. Nesse sentido, a faixa etária com o maior número de casos confirmados se deu entre 20 e 24 anos com cerca de 1074 (29,67%). É interessante relatar a presença de um grande número de casos entre mulheres com 15 a

19 anos de idades com 757 (20,91%). Além disso, os menores valores foram encontrados em faixas etárias mais elevadas, com apenas 4 (0,11%) ocorrendo em mulheres com 45 a 49 anos.

O cenário encontrado tem perdurado no Piauí, o trabalho de Monteiro *et al.*, (2024) apontou para a mesma prevalência de faixa etária. Em comparação, outros estudos realizados no mesmo estado, catalogaram a idade materna em um intervalo maior, considerando mais prevalente de 20 a 29 anos e 20 a 39 anos. Isso, contudo, reforça a predominância de casos de sífilis congênita entre gestantes em idade reprodutiva (Sales *et al.*, 2022; Sousa, 2023).

É importante, ainda, direcionar reforços para as adolescentes, com ações de prevenção e educação em saúde, haja vista o grande número de casos confirmados na sua faixa etária no estado (Sale *et al.*, 2022).

Gráfico 2 – Quantidade de Casos Confirmados de Sífilis Congênita por Faixa Etária Materna

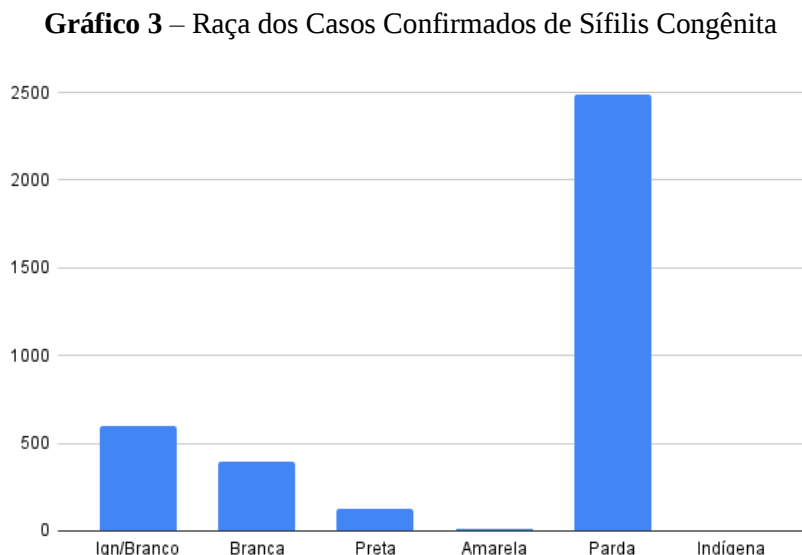


Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (2024)

Por sua vez, em relação a raça o panorama construído demonstra a prevalência da cor parda com 2485 (68,65%), seguida de ignorado/branco com 602 (16,63%), branca com 392 (10,83%), preta com 123 (3,40%), amarela com 15 (0,41%) e indígena com 3 (0,08%).

Outros estudos apresentaram os mesmos resultados. Um dos trabalhos realizados no Estado da Bahia no ano de 2020 acerca da sífilis congênita demonstrou que a maior parte das mães eram da cor parda, em mais de 70% dos casos. Ainda mais, diferente dos achados no estado do Piauí, a segunda raça mais prevalente foi a preta. O estudo também

contou com altos números de ignorados ou brancos, o que reflete um preenchimento inadequado dos formulários (Daltro *et al.*, 2022).

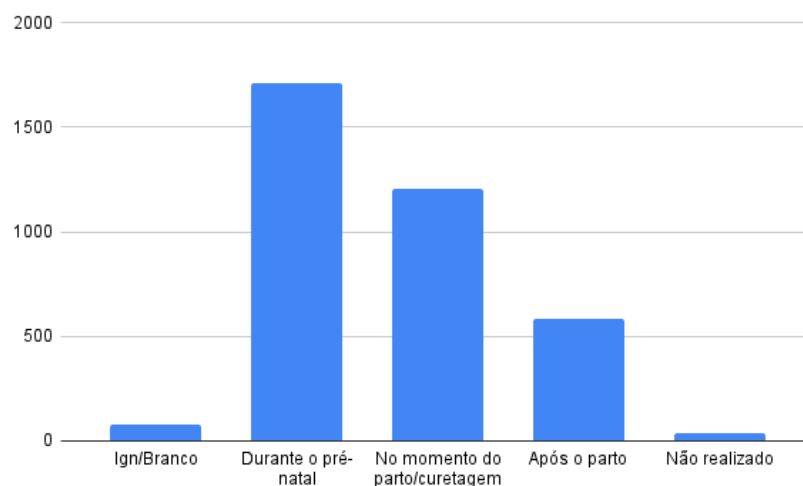


Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (2024)

Um fator importante a ser considerado é o momento de confirmação dos casos de sífilis congênita, 80 casos (2,21%) possuíram em suas fichas de notificação assinalado como ignorado/branco tal aspecto. A maioria das mulheres receberam o resultado comprobatório durante a realização do pré-natal, sendo 1713 (47,32%) dos casos. Por fim, os outros momentos de confirmação analisados incluíram: no momento do parto ou curetagem com 1203 (33,23%), após o parto com 584 (16,13%) e não realizado, sendo 40 (1,10%).

Dados que se assemelham com os resultados de estudos realizados no Nordeste e reafirmam os desdobramentos negativos oriundos do diagnóstico tardio da sífilis gestacional, que por não ser tratada precocemente aumenta o número de casos de transmissão vertical da infecção e acarretam em desfechos negativos. O estudo aponta, ainda, que apesar da maioria das mulheres nordestinas realizarem o pré-natal, apenas (3,83%) delas realizam o tratamento adequado, sendo prevalentes os tratamentos inadequados ou não realizados (83,53%), principalmente no que se tange a não aderência do parceiro sexual ao tratamento (Santos; Santos, 2024).

Gráfico 4 – Momento de Confirmação dos Casos de Sífilis Congênita



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (2024)

Outro aspecto fundamental é o status de realização do pré-natal das gestantes. Os dados coletados do estado do Piauí demonstraram que dos 3620 casos de sífilis congênita relatados, mais de 80% (3065) das mulheres realizaram o pré-natal e apenas 13,40% (485) dessas não. Ainda mais, 70 (1,93%) casos tiveram a questão ignorada ou assinalada em branco.

A realização do pré-natal é fundamental no processo de combate e prevenção à sífilis, isso porque possibilita a detecção e o seguimento adequado em caso positivo. Além disso, a qualidade do serviço também é imprescindível para reduzir a transmissão vertical, aumentar a detecção precoce e garantir um tratamento eficiente (Soares, Aquino, 2021).

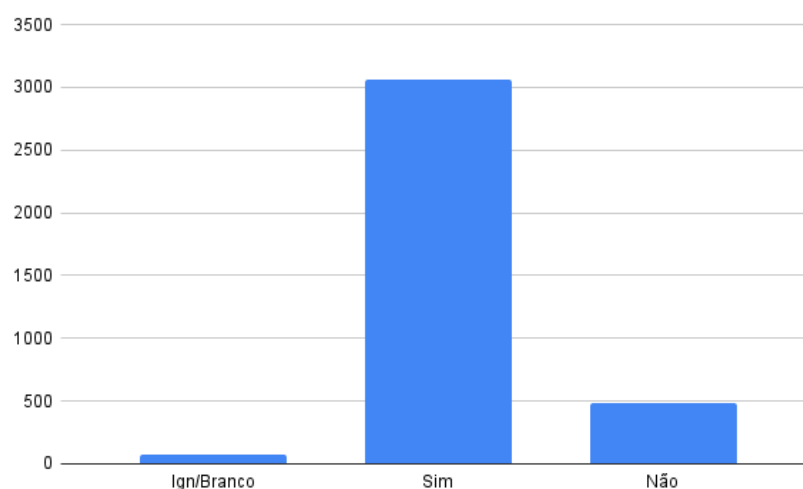
Em um trabalho realizado em Botucatu, município do estado de São Paulo, o número de consultas de pré-natal das gestantes se associou positivamente à proteção do nascimento de recém-nascido com sífilis congênita. Isso, independente de fatores como escolaridade ou idade gestacional (Almeida et al., 2021).

Com relação aos números do pré-natal, uma pesquisa de nível nacional, também utilizando dados secundários, demonstrou que mais de 60% das mulheres, no período avaliado, compareceram às consultas de pré-natal e mais de dez mil (10.000) tiveram essa

informação ignorada ou assinalada em branco no preenchimento da ficha. É interessante relatar que há uma grande quantidade de dados que são assinalados como ignorado/branco, o que suscita uma melhoria dos profissionais ao lidar com tal documento. Um dos motivos associado a esse contexto pode ser a grande quantidade de informações que precisam ser registradas, além de outros formulários que precisam ser preenchidos (Alves *et al.*, 2020; Malveira *et al.*, 2021).

Assim, o aumento e/ou manutenção do número de casos mesmo com alta cobertura do pré-natal às gestantes pode indicar lacunas maiores, como baixa qualidade do serviço (Sousa, 2023).

Gráfico 4 – Realização do Pré-Natal dos Casos Confirmados de Sífilis Congênita



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (2024)

Em relação às características dos recém-nascido foram analisadas a faixa etária e o sexo. Nessa perspectiva, o maior número de confirmação de casos se deu em neonatos com até 6 dias de vida, sendo 3479 (96,10%) das ocorrências. Por sua vez, os menores resultados se concentraram em crianças com até 1 ano de idade (12 a 23 meses), com 2 (0,06%) dos casos apenas. Já em relação ao sexo, a maior prevalência se deu no sexo feminino com 48,56% (1758) dos casos. O sexo masculino apresentou 1748 casos (48,29%). Ainda mais, é interessante mencionar que cerca de 114 (3,15%) dos casos foram assinalados em sua ficha de notificação como ignorado/branco.

A respeito dos dados encontrados, estudos semelhantes realizados no Acre e em Maceió tiveram como faixa etária predominante dos casos confirmados de sífilis congênita os nascidos de até 7 dias, o que reafirma a importância do rastreio precoce e

tratamento oportuno da infecção. Em relação ao sexo, os estudos, assim como a pesquisa realizada, evidenciam a sífilis como uma infecção não seletiva, sendo os sexos masculino e feminino vulneráveis na mesma proporção, uma vez que a infecção transplacentária ocorre mediante o não tratamento ou tratamento inadequado da gestante e do seu parceiro sexual (Branco *et al.*, 2020; Barbosa *et al.*, 2020).

Tabela 2 – Faixa Etária dos Casos Confirmados de Sífilis Congênita

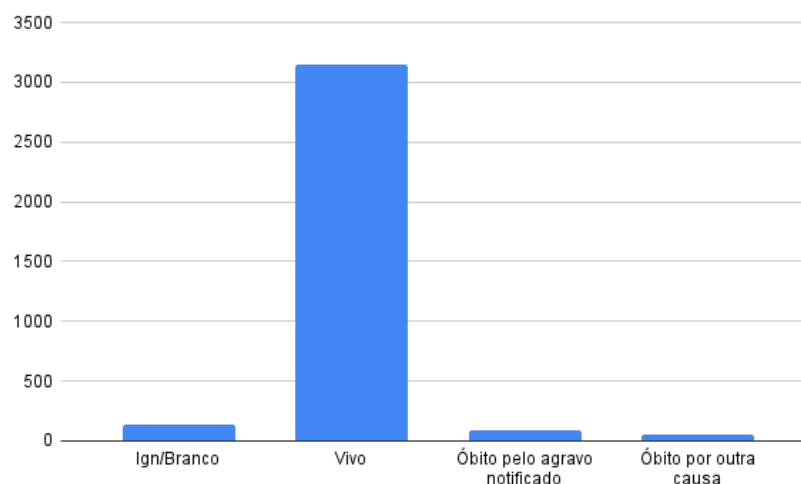
		Casos Confirmados	%
Faixa Etária	até 6 dias	3479	96,10
	7-27 dias	72	1,99
	28 dias a <1 ano	61	1,69
	1 ano (12 a 23 meses)	2	0,06
	2 a 4 anos	3	0,08
	5 a 12 anos	3	0,08
Sexo	Feminino	1758	48,56
	Masculino	1748	48,29
	Ignorado	114	3,15

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (2024)

Ainda mais, a maior parte dos casos evoluíram de forma positiva, sendo vivo 3147 (91,72%), óbito pelo agravo notificado 88 (2,56%), óbito por outra causa 56 (1,63%) e ignorado/branco 140 (4,08%) dos casos.

Os dados obtidos acerca da evolução dos casos no Piauí são semelhantes a de outros estudos realizados no estado. A maior parte dos casos confirmados de sífilis congênita resulta em nascidos vivos. Alguns dos agravos que podem afetar a evolução do recém-nascido estão diretamente relacionados aos aspectos clínicos da doença em caso de não adesão ao tratamento. Ainda mais, é ressaltada a importância da realização do pré-natal de qualidade para uma progressão positiva (Maciel *et al.*, 2023).

Gráfico 5 – Evolução dos Casos Confirmados de Sífilis Congênita



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (2024)

Considerações Finais

A abordagem epidemiológica dos casos de sífilis congênita no Piauí revelou uma variação na incidência durante a década, a qual está diretamente relacionada aos contextos, tais como o de cobertura e qualidade do pré-natal e, mais recentemente, da pandemia do vírus covid-19.

Além do mais, os dados apresentaram uma redução significativa entre os anos de 2023 e 2024, considerando os meses com dados registrados até agora. Em relação aos territórios de notificação, Teresina, Parnaíba, Floriano e Picos foram os locais com maior incidência, considerando fatores como população e nível de referência em saúde. Sobre os aspectos maternos, foram predominantes: idade de 20 a 24 anos, raça na cor parda, resultado comprobatório durante a realização do pré-natal e a maioria frequentou as consultas em níveis satisfatórios. Por fim, os fatores neonatais mais relevantes incluíram a faixa etária e o sexo, com a maioria dos casos confirmados entre recém-nascidos com até 6 dias de vida e do sexo feminino.

O panorama construído no estado demonstra a necessidade de realizar estudos mais aprofundados, considerando todos os aspectos relacionados a tal enfermidade. Ainda mais, foi possível perceber, ainda, um grande número de informações que foram

assinaladas como ignorado/branco, o que prejudica em algum nível a análise dos dados e suscita a preparação dos profissionais para preencher os formulários de forma satisfatória.

Referências

- ALMEIDA, Anelisa Soares de et al. **Syphilis in pregnancy, factors associated with congenital syphilis and newborn conditions at birth**. 30. ed. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2021.
- ALVES, Patrícia Iolanda Coelho et al. **Evolução temporal e caracterização dos casos de sífilis congênita em Minas Gerais**. 25. ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), 2020.
- BARBOSA, Douglas Ferreira Rocha *et al.* **Perfil epidemiológico da sífilis congênita em gestantes no município de Maceió**. 11. ed. São Paulo: Acervo Mais Publicações Científicas, 2020.
- BRANCO, Thaís Jardim Teodoro *et al.* **Perfil epidemiológico dos casos notificados de sífilis congênita no estado do Acre nos anos de 2009-2018**. 9. ed. São Paulo: Acervo Mais Publicações Científicas, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico Sífilis 2023**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). **Resolução nº 510/2016**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html Acesso em: 28 de dezembro de 2024.
- DA SILVA SANTOS, Fabrine Majestade; DE ANDRADE SANTOS, Ninalva. **Perfil epidemiológico de sífilis congênita no Nordeste do Brasil entre 2018 e 2022**. 13 (9). ed. Minas Gerais: Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), 2024.
- DALTRO, Larissa Carvalho Vieira et al. **Perfil epidemiológico da Sífilis Congênita no estado da Bahia no ano de 2020**. 11 (11). ed. Minas Gerais: Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), 2022.
- DE SOUSA, Maurício Silva. **Perfil epidemiológico dos casos de sífilis congênitas no estado do Piauí**. 5. ed. Amapá: Grupo de Odontologia Especializada (GOE), 2023.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 de dezembro de 2024.
- LEÓDIDO, Ana Carolina Machado et al. **Perfil epidemiológico e fatores associados à sífilis congênita em um hospital de referência em Parnaíba-PI**. 23 (5). ed. São Paulo: Acervo Mais Publicações Científicas, 2023.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; BARRETO, Sandhi Maria. **Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento**. 12 (4). ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2003 .

MACIEL, Débora Priscilla Araújo et al. **Mortalidade por sífilis congênita: revisão sistemática**. [s.i]:Integrar, 2023.

MALVEIRA, Natália Alcântara Mota et al. **Sífilis Congênita no Brasil no período de 2009 a 2019**. 7 (8). ed. Paraná: Publicação independente, 2021.

MONTEIRO, Naira Pereira da Silva do Rêgo et al. **Sífilis congênita no Piauí: um retrato epidemiológico entre 2019 e 2023**. 24 (8). ed. São Paulo: Acervo Mais Publicações Científicas, 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Casos de Sífilis aumentam nas Américas**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/22-5-2024-casos-sifilis-aumentam-nas-americas> Acesso em: 26 de dezembro de 2024.

Portal da Saúde. **Sesapi alerta para o aumento das notificações de casos de sífilis no Piauí**. Disponível em: <https://www.saude.pi.gov.br/noticias/2024-10-15/13187/sesapi-alerta-para-o-aumento-das-notificacoes-de-casos-de-sifilis-no-piaui.html#:~:text=Dados%20do%20Boletim%20Epidemiológico%20da,congênita%20nos%20últimos%20seis%20anos>. Acesso em: 29 de dezembro ed 2024.

SALES, Magda Coeli Vitorino et al. **Perfil epidemiológico dos casos de sífilis congênita e gestacional no Estado do Piauí**. 46. ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2022.

SILVA, Camila Pateis Vieira et al. **Assistência pré-natal na prevenção da sífilis congênita: uma revisão integrativa**. 3 (Sup.1). ed. Rio de Janeiro: Global Academic Support, 2022.

SOARES, Maria Auxiliadora Santos; AQUINO, Rosana. **Associação entre as taxas de incidência de sífilis gestacional e sífilis congênita e a cobertura de pré-natal no Estado da Bahia**. 37. ed. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2021.